



## A PERCEÇÃO DO «MILAGRE» DE OURIQUE NO ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO

**Marie Ève Letícia**

Universidade Stendhal Grenoble 3 e CRI

### **Resumo**

A recente comemoração do 9.º Centenário do nascimento do Rei Fundador, D. Afonso Henriques, suscitou um surto do interesse por parte dos historiadores e romancistas, pela trajetória invulgar do homem que conseguira libertar o seu pequeno reino dos confins da Ibéria da suserania dos imperadores de Hespanhas, levando a reconquista cristã para lá da fronteira psicológica do Tejo. O episódio mais marcante na vida do 1.º Rei português foi a batalha de Ourique com o seu corolário de ocorrências a que o imaginário chamaria de milagrosas. Presentemente, cada autor tenta reinterpretar o referido acontecimento à sua maneira, racionalizando o insólito da aparição do Divino ou dos seus mensageiros, a debruçar-se mais especialmente sobre o suposto papel da milícia templária naquelas manifestações milagrosas do sobrenatural, que apesar de consignadas nas crónicas históricas do século XII, ganhariam um verdadeiro relevo no imaginário da grei lusitana somente duzentos anos mais tarde, depois de recontadas e adequadamente exploradas pelas lideranças militares e políticas da centúria de Trezentos.

**Palavras-chave:** cavalaria espiritual templária – imaginário dos mensageiros do Divino – invocação de santos mata-mouros

### **Abstract**

The recent commemoration of the 9th hundred anniversary of the birth of D. Afonso Henriques, the founding king of Portugal triggered the interest of historians and novelists in the uncommon career of this man who succeeded in freeing his small kingdom located on the edge of the Iberian peninsula from the sovereignty of the Hispanic emperors, taking the Christian reconquest beyond the psychological borders of the Tagus. The most memorable episode during the life of the first Portuguese king was the Battle of Ourique and the events which took place in its aftermath, which were interpreted by the imaginary as belonging to the realm of the miraculous. Contemporary authors reinterpret events in the light of their own perceptions and attempt to rationalize the unusual appearance of the God or His messengers by focusing on the supposed role of the militia belonging to the Knight Templars regarding the supernatural appearances. However, these events which were duly recorded, in the historical chronicles of the XIIth century, only came to light two centuries later, after being updated and utilized by military chiefs and political leaders in Portugal during the 14th century.



**Keywords:** Knights Templar – imaginary regarding Divine messengers – Destroyers of infidels

\*\*\*

Por volta do ano de 2008, em que Portugal comemorara o nono centenário do nascimento do seu Rei Fundador, D. Afonso Henriques, saíram do prelo alguns romances históricos protagonizados pelo primeiro monarca luso, principal obreiro da independência nacional em relação aos reinos vizinhos de Castela e Leão. Entre essas publicações de cunho romanesco, embora todas elas baseadas numa extensa bibliografia composta de obras de história e de crônicas consultadas, destacam-se *Afonso O Conquistador* por Maria Helena Ventura, *Afonso Henriques, o Homem* por Cristina Torrão e *O Segredo de D. Afonso Henriques* por Jorge Laiginhas.

Na maioria dessas narrativas históricas, a batalha de Ourique é apresentada como o episódio mais marcante na vida do primeiro rei de Portugal. O reencontro dos cristãos com o exército do Crescente, conduzido por cinco emires, abrange um corolário de ocorrências mágico-sobrenaturais que o imaginário chamaria de milagrosas, já que as manifestações do maravilhoso cristão, baseado na concepção do Divino e nos relatos hagiográficos, se enquadravam à perfeição na mundividência do homem medieval, apesar de contradizerem as leis da natureza.

De facto, a sociedade cristã era regida pelas relações entre o Homem e Deus. Os clérigos letrados estudavam e glosavam os Evangelhos e os escritos dos doutores da Igreja, deduzindo daquelas fontes os alicerces da concepção do universo e vendo neles a base de qualquer explicação de cunho científico. Por sua parte os laicos, mais ou menos letrados ou mesmo analfabetos, ouviam e memorizavam os relatos das vidas de santos e recebiam a doutrina cristã através das imagens do Redentor, da Virgem e dos santos padroeiros, representados nas respectivas igrejas paroquiais, aos quais se acrescentavam os símbolos do Espírito Santo e às vezes os de Deus-Pai.

O próprio tempo da Cristandade começava com a Criação, seguida pela Encarnação, ficando depois a humanidade à espera do dia do Juízo Final. Entretanto, os fiéis leigos instruíam-se na fé observando as representações de figuras sagradas e das cenas do Velho e do Novo Testamentos, esculpidas em baixo-relevo nos portais das igrejas, nos baptistérios, nas caldeirinhas de pedra, no púlpito de madeira, no coro, nos espaldares de cadeirões do cabido, nas mesas dos altares e até nos túmulos, ou retratadas sobre as telas de pintura, nos retábulos e quadros de pintura que faziam parte do recheio das capelas. As representações antropomórficas da Divindade trina e dos anjos medianeiros e mensageiros do Divino serviam para aproximar Deus do Homem crente, pois, no início, este último mais se identificava com a figura de Job, esmagado pelo poder de Deus, mas as múltiplas imagem do Divino e das principais figuras do cristianismo permitiram a reabilitação do Homem, convencendo-o que fora criado à semelhança de Deus. A partir do século XII, as representações de Jesus Cristo da Paixão, correspondendo à



imagem do homem sofredor, tornaram o Divino. Ainda mais próximo do crente de qualquer condição social, também ele à espera da morte.

Os cristãos da Idade Média acreditavam na benevolência de Cristo, da Virgem Maria e dos Santos, logo considerados seus protectores, guias e defensores perante Deus. Daí qualquer ocorrência de cunho sobrenatural podia ser interpretada com uma forma de intercedência do Divino ou do Sagrado em prol da salvação dos crentes ou a favor dos interesses terrenos da Cristandade ou simplesmente em prol da vitória da verdadeira Fé sobre os infiéis, os pagãos, os gentios, etc. Nestas circunstâncias, movido pela gratidão sem limites, o Homem nunca se preocupava com a oposição entre o maravilhoso e as leis do universo, a crer, como São Francisco de Assis, que a perfeição da natureza e todas as leis que a regiam eram a obra divina. E como o Divino se afigurasse como patrono da criação e da Humanidade, Ele podia a qualquer momento querer manifestar-se para comunicar, consolar ou dar apoio mais eficaz aos homens expostos ao perigo, aos combatentes da Cruz ameaçados pela maré dos albornozes que pugnavam pela vitória do Islão. Nos momentos fulcrais das lutas da Reconquista, o Divino devia estar ao lado dos campeões de Cristo em risco de perderem o território retomado aos maometanos ou ficarem reduzidos ao cativeiro em terras muçulmanas ou pior, obrigados de renegar a verdadeira Fé.

No entanto, ao entranhar-se na diegese dos referidos romances, o leitor logo se apercebe de que, além da homenagem ao homem decidido e guerreiro valoroso que fora o Fundador da Nacionalidade, essas narrativas sempre lhe justapõem os cavaleiros monges da Ordem do Templo, fundada na distante Palestina, nos começos do século XII.

Os templários formam em torno do Rei Conquistador um escudo protector, agindo na maior parte dos casos como uma personagem colectiva, feita de dezenas ou de centenas de réplicas de guerreiro destemido todo de branco vestido, com uma cruz escarlate, cosida na altura do peito. Por cima desta personagem plural esvoaça a balsa negra e branca que guia a cavalaria templária e lhe confere uma estratégica coesão no campo de batalha, ao som da invocação entoada em coro, retirada do salmo 114 de David: «Não a nós, Senhor, não a nós, mas a Teu nome, toda a glória» que norteia aquela milícia do Pentocrator. Fora dos campos de batalha e dos fossados no território sob a dominação moura, os cavaleiros monges empenhados na Reconquista ibérica contribuem para a administração e o povoamento dos territórios acabados de anexar ao antigo Condado de Portucale, passando a organizar a defesa da fronteira leste do jovem reino, a reconstruir e fortificar castelos e a consolidar muralhas danificadas aquando dos recontros com os infiéis. Sem a presença daqueles guerreiros abnegados e intrépidos, os avanços da Reconquista teriam estado comprometidos e o alargamento progressivo do território português poderia revelar-se impossível.

Os primeiros templários apareceram no Condado de Portucale poucos anos após a fundação da Ordem. O Conde D. Henrique de Borgonha já deixara este mundo e a



sua viúva D. Tareja ou Teresa de Leão confiara a educação e a instrução militar do seu único filho varão ao aio D. Egas Moniz, homem forte da região a norte de Coimbra, com honras em Lamego, Castro Daire e Resende, além dos feudos patrimoniais nas margens durienses. Porém, tanto a condessa viúva quanto o aio D. Egas desejavam uma protecção mais segura e eficaz para o jovem infante, órfão do pai, e por isso mais vulnerável. A esse propósito, o romancista Jorge Laiginhas sugere que o primeiro grupo de cavaleiros do templo tenha vindo instalar-se nas terras de Ribadouro por empenho de D. Tareja. A filha de Alfonso VI resolveu apelar para os protegidos do famoso Abade Bernardo de Claraval, futuro santo, que, além de «fazedor de papas» também era um parente afastado do seu falecido esposo D. Henrique. O romancista Laiginhas explica:

[D.Teresa] começara por esses dias uma intensa campanha diplomática com o objectivo de se apresentar às famílias nobres do Condado Portucalense. Pelo final de um desses festins em honra da princesa D. Teresa, decidiu D. Egas Moniz, por vontade da honrada, dar mando de fundação de um ajuntamento que ficaria instalado na dita casa de Fonte Arcada. Tal ajuntamento houve por nome «Ordem do Templo» e teve como propósito oficial milagres por encomenda. D. Teresa baptizou, com anuência do senhor bispo de Lamego, a casa que D. Egas Moniz doara para sede da «Ordem do Templo» como «Abrigo dos Lobos»<sup>1</sup>.

O referido grupo de freires ficaria instalado em Fonte Arcada, numa casa que tinha sido pertença da antiga e conceituada família dos cavaleiros de Riba Douro, descendentes de guerreiros asturo-portucalenses. Contudo, certamente nem todos os cavaleiros de linhagens e prelados dos bispados nortenhos aprovaram aquela implantação de frades guerreiros vindos de fora. Os templários logo seriam apodados de lobos pelo bispo de Lamego, talvez por causa da sua conhecida ferocidade no combate, da sua actuação perfeitamente articulada nas reacções de um corpo colectivo que atacava como uma alcateia de lobos ou por mor da ganância de que o prelado suspeitava a recém-fundada ordem franca.

Quanto ao alcance da palavra «milagres», esta fica por explicar. Tanto podia tratar-se de ajudar a vistosa e ambiciosa condessa-viúva a concretizar a sua aspiração de se ver livre da vassalagem que a ligava à corte imperial de Castela, quanto se podia esperar que a ordem monástico-guerreira fosse capaz de apoiar militarmente o infante D. Afonso no futuro assentamento dos alicerces do Reino de Portugal independente, além de contribuir para os desfechos vitoriosos dos combates por ele travados contra a vizinha Castela e contra a mourama.

Fosse como fosse, por volta de 1128, ano do concílio de Troyes que consagrara a fundação da Ordem do Templo, teria aparecido em Braga, sede do arcebispado, o comendador templário, de origem franca ou borgonhesa, chamado D. Frei Raimundo Bernardo, que se empenhava em angariar fundos e em suscitar alistamentos de jovens cavaleiros portucalenses para o combate na nova frente da

<sup>1</sup> LAIGINHAS, Jorge - *O Segredo de D. Afonso Henriques*. Cascais: Flamingo - Arteplural edições, L.da, 2007, p. 29.



cruzada contra os infiéis,<sup>2</sup> na faixa ocidental da Ibéria. O mesmo frei Raimundo serviria de modelo para a personagem romanesca de protector, amigo e braço direito do Rei Fundador, inserida por Maria Helena Ventura na sua narrativa *Afonso o Conquistador*.

Nas terras de Entre-Douro-e-Minho, os cavaleiros do Templo, ainda pouco numerosos e repartidos pelas comendas rústicas, começaram a receber pequenas doações por parte do jovem D. Afonso Henriques, mas nenhuma ajuda lhes vinha da nobreza laica. Os templários receberam casais e herdades na região de Penafiel, em nome do mestre D. Guilherme Ricardo e o arruinado castelo de Soure, no extremo sul do Condado, onde haviam de prover à defesa da confluência dos rios Anços e Arouca, navegáveis por embarcações pequenas (batéis e barças). A primeira doação por parte de um barão nortenho acontece apenas em 1128, tratando-se de Soeiro Mendes o Grosso, herói da batalha de São Mamede e da mãe do mesmo, D. Elvira.

Ao mesmo tempo, na doação de Soure, D. Afonso Henriques afirma-se também como confrade da Ordem (*in vestre fraternitate sum frater*). Em Soure, os templários lusos farão a sua sede, fortificando e repovoado o burgo, arrasado pelos sarracenos, após ter recebido, em 1111, um foral assinado pelo Conde D. Henrique de Borgonha. O castelo é de planície e de pequenas dimensões, pelo que muito exposto aos ataques dos Mouros. Para a igreja de N. Sra. de Finisterra, os cavaleiros do Tempo recuperarão a capela basilical de um antigo mosteiro moçárabe, devastado no século XI por uma outra invasão agarena anterior.

Os templários fazem-se presentes e notados em torno de D. Afonso Henriques em todas as campanhas bélicas e em todos os fossados, rondando sem cessar a fronteira psicológica do rio Tejo. No entanto, as verdadeiras recompensas serão entregues à Ordem só depois da batalha de Ourique e da aclamação do rei D. Afonso I (25 de Julho de 1139). A milícia do Templo terá a posse efectiva de rendas, coutos e castelos ou fortalezas, concedidas directamente pelo jovem monarca.

Por seu lado, Maria Helena Ventura, pela boca da esposa de Egas Moniz, D. Teresa Afonso, afirma que os frades templários, naquela altura, já tinham organizado o culto de Santiago, na paróquia de Fonte Arcada, participando activamente na vida religiosa da região, acrescentando que a eleição do cavaleiro Frei Hugo Martins, a cargo de novo mestre português do Templo, por volta de 1129, se realizou sob a vigilância de Frei Raimundo Bernardo, que, pelos vistos, estava encarregado pela cúpula da Ordem de vigiar as comendas lusas, fiscalizando a sua organização e instalações. Além disso o comendador templário andava a observar os jovens guerreiros nortenhos, avaliando-lhes a valentia, quando lhe pareciam úteis à milícia do Templo. Tal devia ter acontecido com o adolescente Gualdim Pais, filho segundo

<sup>2</sup> In NUNES, Joaquim - *O Mestre templário na fundação de Portugal*. Lisboa: Ed. Esquilo - Multimédia, 2011, p. 24.



de D. Paio Ramires, da linhagem dos Ramirões de Braga, futuro iniciado, mestre do Templo português e construtor do Convento de Cristo em Tomar.<sup>3</sup>

Entretanto, os cristãos portugalenses, obedecendo ao seu chefe natural, D. Afonso Henriques, continuavam a levar os pendões com cruces latinas bordadas, com imagens estampadas da Virgem Maria, de Sant'Iago de Compostela ou de São Jorge, para as margens do Tejo, sempre apoiados militarmente pela milícia templária. Sucediavam-se incursões em fossados a sul de Tomar, mas os Mouros mantinham-se atentos e a pé ou a cavalo acudiam aos seus, defendendo qualquer passagem, a derrubar os cavaleiros invasores. Tais forças atacantes não pertenciam àquela região, mas, sim, às hostes almorávidas que subiam de Al'gharb, sob o comando o príncipe Texafine, filho do poderoso emir berbere que já tinha reunido várias taifas, afirmando-se como chefe dos crentes.

Por sua parte, para defender com uma maior eficácia Coimbra, sua capital, o herdeiro do Condado portugalense resolve, em 1139, atravessar o curso fluvial tagano e ir descendo pela charneca despovoada até aos campos semeados do Além-Tejo, num fossado punitivo. Segundo Joaquim Nunes, os portugueses seriam uns onze mil, fazendo parte da hoste cristã cerca de mil cavaleiros, entre os nobres nortenhos, cavaleiros herdadores, cavaleiros moçárabes dos concelhos, escudeiros e templários. Os combatentes a pé iam armados de lanças de ferro, de maças, quando não se tratava dos arqueiros de aljavas a tiracolo com flechas envenenadas.

Na tarde de 24 de Julho, o exército cristão encontrava-se acampado em volta de um pequeno cabeço em Ourique. À noite, os esculcas assinalaram ao chefe portugalense uma numerosíssima turba infiel, ginetes, albornosos brancos e turbantes sem conta, a caminho de Oreja onde tencionavam socorrer os maometanos sitiados por Alfonso VII de Castela. Mas ao saberem da preocupação de cristãos nos arredores de Castro Verde, as hostes do Crescente, comandadas por cinco emires mouros das taifas de Sevilha, Badalhouce (Badajoz), Elvas, Évora e Beja, desviaram-se do seu destino, decidindo ir ajustar as contas com o atrevido Ibn Erriq, cuja fama já estava a correr por todo Al-Andaluz.

Depois da missa rezada num altar de campanha com a imagem de Nossa Senhora e ouvidas as palavras do Evangelho, D. Afonso Henriques, mostrava-se preocupado, perplexo e hesitante, acabando por recolher-se debaixo da sua tenda para rezar e pensar. Por perto ficaram, não menos inquietos os seus fiéis companheiros de armas e o jovem escudeiro Gualdim Pais, filho do Paio Ramires. Porém, depois de decorrido algum tempo, todos eles viram sair da tenda um D. Afonso metamorfoseado, mais confiante e até entusiasmado com a perspectiva de travar uma batalha contra os reis mouros, cujas forças excediam quatro ou cinco vezes o número dos soldados da Cruz. E foi naquele momento que começou a correr a notícia de que o filho do Conde D. Henrique de Borgonha tinha sido agraciado,

<sup>3</sup> In VENTURA, Maria Helena - *Afonso o Conquistador*. Parede, Cascais: ed. Saída de Emergência de Luís Corte-Real, 2007, p. 122.





durante o seu recolhimento, com a visão de Jesus Cristo vindo para lhe predizer uma estrondosa vitória sobre a mourama e um futuro advento do Império do Espírito Santo sob a égide de um rei oriundo da grei lusitana...

Antes do combate, os barões portugalenses, entre os quais se encontravam o velho D. Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador, o filho de Egas Moniz, Lourenço Viegas o Espadeiro, Henrique Gonçalves, futuro alcaide de Ourém e Paio Ramires com o seu primogénito Vasco Pais, aclamaram D. Afonso Henriques, levantando-o em cima do escudo e conferindo-lhe o título de rei. O filho de D. Tareja fez-lhes a vontade, aceitando a nova dignidade, embora se mostrasse bastante tímido e humilde, pedindo somente aos seus companheiros que não temessem a morte e que guardassem a fidelidade ao Crucificado. Os cavaleiros templários participaram na missa, nas orações, presenciando tudo e assistindo depois à aclamação do novo monarca português.

A batalha de Ourique feriu-se logo na manhã quente de 25 de Julho de 1139, festa do apóstolo Sant'Iago Maior, e durou até ao meio dia. Após uma luta esforçada e feroz das espadas cristãs contra os alfanges agarenos, os mouros, tendo perdido imensos combatentes, fugiram. Assim parecia ter-se dado um primeiro milagre : Deus fez mercê aos cristãos que saem da batalha vencedores dos cinco emires derrotados ou mortos pelas cinco chagas do Redentor.

Embora o culto da Mãe de Deus sempre foi divulgado e encorajado pelos templários estabelecidos em terras lusitanas, o nome da Virgem Maria nem sempre falava à imaginação dos rudes barões nortenhos por não veicular nenhum modelo de comportamento guerreiro susceptível de estimular os combatentes da Cruz, na luta pela reconquista do território ibérico ainda ocupado pelos muçulmanos. O próprio Afonso Henriques foi um devoto sincero de Santa Maria, mas na altura das refregas com o inimigo muçulmano e dos confrontos decisivos em que se tratava de derrotar os Infiéis, o chefe das hostes cristãs preferia invocar Nosso Senhor presentindo Nele um adversário designado de Alá dos Árabes. Os portugueses pediam também a protecção a Santiago de Compostela, cujas imagens conhecidas sempre o equiparavam a um Mata-Mouros exemplar, desde a famosa batalha de Clavijo, travada em 798 por Carlos Magno, imperador franco, a quem, em 797, o rei das Astúrias, Alfonso II (766-843), ameaçado por uma iminente invasão das hostes mouras, perdira uma ajuda militar. O monarca franco desejava expandir as fronteiras do cristianismo em terras ibéricas, pelo que não tardou a atravessar os Pirenéus, desbaratando em Clavijo os exércitos do Crescente, mas sem conseguir avançar depois rumo à Cantábria. No decorrer do recontro de Clavijo ter-lhe-ia aparecido O apóstolo Sant'Iago Maior, porém, sem atributos guerreiros e que se parecia com Jesus Cristo. Aliás o mesmo santo mata-mouros já teria protegido o lendário nobre godo Pelágio, chefe militar da comunidade cristã refugiada nas montanhas das Astúrias que vencera, em 722, as hordas de maometanos na batalha de Covadonga, que marca o início da Reconquista. O rei Alfonso II seria o neto do herói de Covadonga. Numa dada altura, o clero asturiano apoderar-se-ia da vitória de Pelágio, unindo a causa da salvação da Hispânia então dominada pelos



infiéis à defesa da Igreja de Cristo. No século X, o rei Ordoño da mesma linhagem asturo-leonesa, no século XI, o rei Fernando Magno de Leão e o rei Ramiro, tenente da Galiza e de Entre Douro-e-Minho, vencedor do califa Abderramão, teriam sido apoiados e levados à vitória pelo apóstolo Mata-Mouros Sant'Iago, emissário do Redentor.

Na narrativa histórica de Maria Helena Ventura encontramos uma cena em que o recém-aclamado rei D. Afonso I e os seus nobres se ajoelham para rezar a Deus em comum. Os guerreiros, rodeando o novo soberano, manifestam-lhe um respeito diferente como se dele, rei num pequeno reino das fronteiras incertas, situado nos confins da Europa, ainda tão frágil e incessantemente ameaçado pelos infiéis, já estivesse emanando o divino poder. Os asturo-portugalenses e os cavaleiros dos concelhos dizem-se seus fiéis servidores e também devotos da Santíssima Trindade a quem oferecem um quinhão da batalha.<sup>4</sup> Observe-se que ao lado de Cristo aparece a SS. Trindade de que faz parte o Espírito Santo, força espiritual emanando do Divino que descendo sobre os humanos, ilumina-os. Naquela altura os combatentes da Cruz precisavam duma força assim, antes de enfrentar os Mouros.

A SS. Trindade aqui evocada leva-nos a tecer algumas considerações sobre o tão badalado «Milagre de Ourique», cujo imaginário passaria a ser divulgado entre o povo luso a partir do século XIV, a começar pela batalha do Salado (1340) e a seguir, nas vésperas da Aljubarrota (1385).

A batalha do rio Salado, na Andaluzia, fortaleceu a mentalidade cruzadística, vitoriosa num Portugal que acreditava firme na sua missão cristã de dilatar a Verdadeira Fé. Por outro lado, também constitui o epílogo da cavalaria espiritual de que as ordens hierosolimitas, como a do Hospital de São João de Jerusalém, foram protagonistas. A versão portuguesa da batalha do Salado<sup>5</sup> realça o protagonismo do Redentor, o mesmo que dera a vitória a D. Afonso Henriques, em Ourique. O cronista-trovador da centúria de Trezentos relata o chamamento do monarca luso D. Afonso IV o Bravo que pretendia lembrar aos seus « naturaes e vassalos » as façanhas do Rei Fundador, dos cavaleiros portugalenses e moçárabes dos concelhos que o acompanhavam, porque todos juntos « ganharam o reino de Portugal »<sup>6</sup>. Em nome da Cruz, no Salado, os cristãos unidos na sua fé excluíram o Outro, o Infiel, do seu espaço espiritual servindo-se da relíquia do Mosteiro de Marmelar, Portel, como de um objecto mágico para incutir o medo da vingança iminente do Crucificado aos combatentes de Alá, que acabariam por fugir aos magotes do campo de refrega. Este temor colectivo que inutilizara os soldados maometanos e Almufacém e Alaric teve a sua origem nas artes mágicas e na astrologia de que D. Álvaro Gonçalves Pereira, Prior do Hospital em Portugal era um conceituado conhecedor, reconhecido inclusive entre os muçulmanos daquela época. A astrologia era muito valorizada em ambos os campos e o cronista Fernão Lopes

<sup>4</sup> Veja-se M. H. VENTURA - AOC, p. 76.

<sup>5</sup> D. Pedro de Barcelos - *Terceiro Livro de Linhagens* (edição dirigida por Maria Ema Tarracha Ferreira). Lisboa: Verbo, 2006, p. 255 sgts.

<sup>6</sup> *Idem*, p. 255-256.





afirma que D. Álvaro Pereira, alguns dos seus cavaleiros monges e Mestre Tomás de Bomjardim, irmão leigo da Ordem, tiveram demoradas práticas das artes astrológicas, adquiridas no Oriente pela hierarquia hospitalária.

O mesmo Prior do Hospital vaticinara a D. Afonso IV a vitória cristã, graças à bem-aventurada Vera Cruz, pedaço do Santo Lenho, trazido da Palestina no reinado de D. Afonso III, pelo cavaleiro-monge Frei Afonso Pires Farinha, por volta de 1268, e guardado como relíquia pela Ordem do Hospital na freguesia de Marmelar, no termo de Portel. D. Álvaro Gonçalves pedira aos soldados e cavaleiros que orassem a Vera Cruz e confiassem nela. A relíquia viera encimada numa haste comprida e certamente respaldada por um relicário de protecção, o qual, naquele dia histórico brilhara ao sol, tornando-se refulgente, dando aos cristãos uma nítida impressão de presenciarem a descida sobre a relíquia de um raio resplandecente enviado do Céu, por Jesus Cristo ou pelo Espírito Santo. Quanto a Vera Cruz do Marmelar tinha ficado incorporada numa az de curral, formada pelos cavaleiros do Hospital, os Portugueses animaram-se, ganhando novas forças, redobrando de sanha, a tal ponto que os infiéis julgaram terem-se multiplicado as hostes inimigas. O empolgação cristão foi colectivo e dera a vitória aos cristãos. O pânico nas fileiras maometanas também foi um sentimento colectivo e muito contagiante. Os combatentes contrários foram vistos como demónios, certamente transformados por artes mágicas do Mestre do Hospital numa força destrutora.

A Vera Cruz do Marmelar, em forma de madeiro em miniatura e também de árvore, símbolo bíblico da vida e da morte, portadora da mensagem do Divino, da redenção e da Boa Nova, encarnara naquele momento o espírito cruzadista que venceria os Infiéis no Salado. Alucinados e obcecados pela fé, crentes na Graça Divina acabada de descer sobre todos eles, os combatentes laicos da Cruz de todas as condições sociais sentiram-se prodigiosamente superiores aos seus adversários e na mente cristã, a fronteira entre o real e o imaginário ia apagando-se até se fundir numa onda de certeza inabalável de que estavam ligados à Terra Santa, ao Santo Sepulcro e que Deus não poderia abandonar os campeões Dele ao cativeiro de Maomé. Esta convicção galvanizaria a hoste cristã, impedindo-a de ceder a menor parcela do terreno aos inimigos da Fé.

Contudo, naquele distante ano de 1139, a já referida « visão de Cristo » que teria aparecido D. Afonso Henrique, antes da batalha contra os cinco reis mouros apenas foi notícia compartilhada pela nobreza mais chegada ao rei acabado de aclamar, chegando depois aos ouvidos dos cavaleiros moçárabes e, através destes, aos restantes soldados, os quais, ao saberem do apoio do Divino, ganham novas forças, novo ânimo, decididos a baterem-se até à morte e a darem o melhor deles mesmos. Quanto aos templários, estes atiram-se ao inimigo com ferocidade que sempre os caracterizara, entoando o salmo de David e invocando a Virgem Maria, o que não quer dizer que não tenham aprovado o «milagre» ou mesmo obrado no sentido de a tal visão de Cristo possa acontecer na devida altura.



A nível das obras romanescas, Jorge Laiginhas dispensou o «milagre», mas Ventura e Torrão mencionam esta insólita ocorrência, propondo cada uma a sua versão do acontecimento sobrenatural, baseado no imaginário.

Para Maria Helena Ventura, na noite de 24 de Julho, no acampamento cristão mal adormecido, surgira na tenda de Afonso Henriques um eremita de cabeça branca que havia anos habitava junto da capelinha existente na vasta planície de Castro Verde. O ancião tocou de leve no ombro do príncipe e este acordou, empunhando imediatamente a espada, dando um encontrão ao monge, quase deitando por terra o bom do religioso, com a ponta da espada encostada ao pescoço enrugado do eremita, que lhe pediu mil desculpas por ter invadido a sua tenda, antes de anunciar que vinha «transmitir instruções divinas, jorradas de uma voz do alto»:

Trago o aviso do senhor Deus para usardes de toda a cautela... Eles são três vezes mais... Que só deveis avançar quando tocar uma campainha em vossa cabeça [...] Nessa altura a coluna restante estará pronta a sair das moitas... e vós deveis incitar os homens a galoparem sobre o inimigo<sup>7</sup>.

O próprio eremita responde à dúvida de D. Afonso que receia não conseguir ouvir aquela campainha do Céu. De facto, o ancião anuncia que fará soar ainda o sino da ermida. Desse modo, a campainha divina ou paraclética e a terrena vão fundir-se num som único que poderá ser ouvido pela hoste inteira. Seria, portanto, uma estratégia concertada com o auxílio do venerável eremita. Não houvera nenhuma visão, apenas a voz do eremita-mensageiro do Divino.

Poderíamos supor que, chegando ao campo de Ourique, Afonso Henriques já tivesse reparado na existência da capela-ermida, mas não tivesse pensado em procurar o ancião que ali morava. Por sua parte, os nobres nortenhos podiam nem sequer reparar na modesta capelinha, desinteressados da pessoa do monge isolado. No entanto, os freires do Templo, presentes ao lado do exército afonsino, e mais especialmente Frei Raimundo Bernardo, que tudo observava, deviam ter prestado toda a atenção à ermida, indo falar com o seu ocupante. Em boa verdade, este último não lhes podia aparecer num momento mais propício, já que os frades templários teriam decidido utilizá-lo como um suposto instrumento da manifestação divina. O visionário de idade provectora a falar de Deus logo inspiraria confiança no chefe militar luso que não tardaria a acatar conselhos ou ordens divinos com respeito a estratégia bélica a privilegiar naquelas circunstâncias. Nada de precipitação, atitude serena, muita ponderação, muita fé no auxílio de Nosso Senhor e escolha de um momento mais favorável para semear um vento de pânico nos exércitos mouros. Na realidade, os guerreiros do Templo certamente já tinham delineado a sua estratégia, mas era inconcebível que um simples mestre (no referido caso: o cavaleiro Frei D. Hugo Martins) numa ordem ainda insuficientemente implantada no Condado de Portucale se permitisse impor uma tática bélica ao chefe experiente, aguerrido e afoito que era Afonso Henriques. A resolução devia vir do mesmo, depois de ter meditado sozinho, antes de impor as

<sup>7</sup> Veja-se M. H. VENTURA - AOC, p. 78.



suas ideias à nobreza nortenha e coimbrã que o acompanhava. Vindos da boca de um templário, estes mesmos conselhos poderiam ser desprezados, sobretudo pelos orgulhosos barões de Entre Douro-e-Minho, mas caso falasse Nosso Senhor, se Lhe aprouvesse ajudar D. Afonso I, seu digno campeão na luta contra a mourama, todos imediatamente Lhe dariam razão, obedecendo cegamente.

Na narrativa de Maria Helena Ventura também aparece um sinal da presença protectora do Espírito Santo: vemos Afonso Henriques, já rei aclamado, benzer-se com a espada, antes do ataque decisivo. Os demais cavaleiros imitam-lhe o gesto a roçar ligeiramente o capelo com as lâminas dos gumes afiados brilhando na ténue claridade daquela madrugada de 25 de Julho. Mas da espada do monarca emana um brilho parecido com um raio, como se se tratasse de algum raio enviado por Deus ou de uma mensagem de apoio por parte do Espírito Santo. Ao mesmo tempo, na cabeça de Afonso começa a ecoar o sinal divino :

O sangue ferve, depois agita-se em sons de campainha a tinir, levados ao corpo todo, sons agora repetidos pela sineta vinda dos lados da ermida como prometia o ancião. Muito tenso, sem gritar, levanta a espada fiel. Percebe nas suas costas a repetição do gesto pelo braço dos seus homens. E como se um raio silencioso caísse ali perto, em menos de nada avança em galope quase simultâneo com o alarido ensurdecedor dos inimigos a correrem sobre eles<sup>8</sup>.

A partir duma das alas do exército cristão, perfilam-se os cavaleiros do Templo e os três guerreiros nobres da linhagem dos Ramirões. Destaca-se uma dezena de frades exímios a infligir o castigo aos flancos do inimigo, impedindo a sua progressão em direcção ao núcleo central das hostes da Cruz. Graças aos esforços conjugados de vários nobres senhores, estimulados pela visão do eremita e pelas mensagens divinas dirigidas ao seu rei, os templários, ainda pouco numerosos, naquela altura, conseguiram pôr em prática a sua tática astuciosa, proveniente da experiência da cavalaria espiritual fortalecida na luta pela dominação cristã na Palestina, cavalaria guiada pelo Espírito Santo. E nos cabeços poeirentos de Ar-Riqá (Ourique), a vitória cristã decide-se depressa.

Simultaneamente, D. Afonso I começa a ser respeitado ou até venerado pelos seus guerreiros como um campeão de Jesus Cristo, a quem o Redentor se dignara enviar uma mensagem de apoio.

Já no romance histórico de Cristina Torrão, o relato dos acontecimentos milagrosos de Ourique apresenta-se bem diferente. A escritora apresenta-nos um Afonso martirizado por pensamentos horríveis, preocupado com a vantagem numérica dos mouros, a encarar a hipótese de ele morrer nesta batalha juntamente com a flor dos seus vassalos portugalenses, sem deixar nenhum herdeiro legítimo para tomar a sua sucessão. É um Afonso que teme pelo futuro do seu condado, que sente uma armadilha do destino, pelo que não consegue descansar e ainda menos adormecer.

<sup>8</sup> Veja-se M. H. VENTURA - AOC, p. 80.



Acaba por levantar-se e sai da sua tenda montada debaixo da copa de um sobreiro solitário para se ajoelhar diante do tronco da árvore :

Lançou os olhos para o céu, como se esperasse por um sinal. Fixou as estrelas que, passando algum tempo, começaram a desfocar e a fundirem-se umas com as outras. Afonso deixou então que as pálpebras pesadas lhe cobrissem os olhos cansados. Juntando as mãos em oração, começou a rezar. Abriu os olhos de repente como se tivesse recebido um comando. O sobreiro diante de si tomava a forma de um homem, um vulto no escuro. E Afonso sentiu como uma calma divina se apoderava de todo o seu ser. Sussurrou:

- Quem és tu?

- Não me conheces, meu filho?

- Pai?

- Vi para te dizer que a tua fé te salvará. Enfrenta os mouros e vencerás!

O vulto começou a desaparecer e Afonso suplicou:

- Esperai! Dizei-me como posso ter a certeza da vitória.

- Deus está contigo.

- Mas como poderei enfrentar um exército tão grande, comandado por cinco reis?

Naquele instante, o vulto deu a conhecer as suas feições, como se uma luz tivesse caído sobre ele. [...] E D. Henrique olhava-o cheio de amor e carinho, como antigamente, quando o sentava ao seu colo, tinha ele três ou quatro anos.

- E tu, meu filho, não és um rei?

Afonso engoliu em seco.

- Se Vós o dizeis, meu pai...

- És um rei que bem vale por cinco dos deles.

Depois de passado o espanto, Afonso perguntou :

- E os meus cavaleiros? Se cada um valesse por cinco dos deles, tão leves e tão destros...

O conde D. Henrique riu-se tão alto que Afonso receou que ele acordasse todo o acampamento.

- Ai eles são levezinhos? Paga-lhes da mesma moeda! Dá leveza aos teus cavaleiros!

- Leveza aos meus ...? De que falais, meu pai, que não vos entendo?

O vulto desaparecia. Afonso ouviu umas últimas palavras, ainda mais misteriosas;

- Tem fé em Deus que te deu cavaleiros ao jeito da mourama!<sup>9</sup>

A visão do falecido conde D. Henrique de Borgonha antes de mais nada parece um devaneio, ou uma ilusão do guerreiro cansado e inseguro. Contudo, numa dada altura, subitamente iluminado por um clarão intenso, o velho Conde de Portucale, antigo cruzado, passa a assumir-se como um Enviado do Divino ou do Espírito Santo, daí insufla no filho a certeza de que a cavalaria espiritual se salva graças à fé em Nosso Senhor, pois Deus é capaz de salvar aqueles que saibam vincular-se a Ele, tornando-se em cavaleiros do Divino. Ao mesmo tempo, chama a atenção do filho sobre o valor menosprezado até então dos cavaleiros moçárabes, cuja intervenção poderia ser decisiva nesse prélio.

<sup>9</sup> TORRÃO, Cristina - *Afonso Henriques, o Homem*. Lisboa: Ed. Esquilo – Multimédia, 2008, p. 112.



Alguns minutos depois, quando a imagem do pai já se tivesse esvaecido, Afonso Henriques informaria Egas Moniz e Lourenço Viegas o Espadeiro, os quais, por sua vez, transmitiriam a notícia a toda a nobreza guerreira que decifraria a mensagem do velho conde: os Portugueses deviam mandar avançar sobre o inimigo uma vanguarda de cavaleiros-vilãos e de cavaleiros moçárabes dos concelhos taganos e beirões que tinham tácticas parecidas com as dos infiéis porque conheciam melhor os muçulmanos e sabiam lidar com eles. Além disso possuíam montadas leves, como os ginetes árabes, frutos do cruzamento de raças equinas lusitanas com as de Al-Andaluz e as do Magrebe.

Em seguida, Afonso receberia os representantes dos soldados, desejosos de saber algo mais sobre a visão nocturna que o príncipe portugalense tivera. No entanto, naquele momento, já estava a correr pelo acampamento cristão um boato que se ia ampliando : os combatentes da Cruz repetiam uns aos outros que D. Afonso Henriques tivera uma conversa com Jesus Cristo em pessoa, descido dos Céus para lhe anunciar a vitória sobre os infiéis.

Afonso não quis mentir, mas bem percebia que aqueles homens o olhavam cheios de esperança, esperança num milagre já comentado, pelo que, evitando decepcioná-los, optou por uma meia verdade. Falou-lhes num enviado de Deus que lhe garantira a vitória, se eles não temessem o confronto com as forças do inimigo. Naquele momento, consolidar o alento dos guerreiros era imprescindível, pois a fé no milagre acontecido e na promessa de ajuda vinda de Nosso Senhor podia dar-lhes asas ou seja mais ânimo e uma força sobre-humana para vencerem os infiéis.

Segundo Torrão, foi na sequência do pretense milagre que, antes da batalha, Afonso acabou por ser erguido em cima do seu pavês, com a espada desembainhada, por vários dos seus cavaleiros que o aclamaram seu rei. Com efeito, corria uma voz entre os soldados da Cruz que o próprio Cristo chamara D. Afonso de rei, e a eles nada daria mais coragem que serem guiados por um rei cristão, abençoado por Nosso Senhor, nesta grande batalha contra os mouros...

É impossível sabermos quem podia ter espalhado a tal notícia de tratamento régio, dispensado a Afonso Henriques pelo Divino. Mas os templários também se encontravam no acampamento, privando com um certo número de jovens escudeiros, desejosos de conviverem com tão prestigiados cavaleiros monges. E se alguém lhes dissesse que Deus Nosso Senhor tinha chamado de rei a D. Afonso Henriques, os frades guerreiros com certeza só podiam anuir a tal «verdade».

No campo de batalha de Ourique, Cristina Torrão faz dos templários uma força combatente colectiva, plural mas articulada em todos os movimentos até ao ínfimo pormenor do gestual, retratando-os feitos um corpo só com dezenas de braços e pernas que se deslocam e movem ao mesmo tempo. Na sua qualidade de chefe militar e rei, D. Afonso Henriques fez então uso do artil reservado para o fim da refrega. Os templários, até aí despercebidos pelos mouros, avançaram a toda a força, cercando o exército inimigo, antes que este tivesse tempo de recuar. Os



sarracenos, vendo-se cercados pelos cavaleiros da Cruz cor de sangue, que pareciam surgir do nada, começaram a desesperar...<sup>10</sup>

Aquela aparição repentina dos terços templários foi considerada pelos almorávidas «um golpe de magia do demónio», força oculta do Mal ou uma intervenção do sobrenatural perverso, portanto, um milagre às avessas. Daí, começou a faltar aos infiéis o alento para aguentar o embate das armas dos templários contra os seus escudos. E os portugalenses aproveitaram a situação, decepando-lhes as mãos com os seus machados, achas de guerra e maças. Os próprios cristãos lutavam como feras enraivecidas, parecendo dotados de uma força sobrenatural. Os mouros viam em todas as espadas cruces latinas a crescerem na sua direcção, brilhando ao sol como espelhos ou relâmpagos, quando manejadas com uma inegável destreza. À distância podiam assemelhar-se aos raios paracléticos, descendo dos Céus a fim de fulminar os guerreiros do Crescente. Entretanto, o já afamado Ibn Erriq tinha sido equiparado ao diabo ou ao bruxo, invocando forças e espíritos obscuros para os agarenos.

As ocorrências milagrosas testemunhadas antes e no decorrer da batalha de Ourique, no dia 25 de Julho de 1139, foram consignadas nas crónicas elaboradas pelos monges crúzios, em Coimbra. Todavia, com o passar dos anos, a notícia das aparições de Cristo ou dos seus mensageiros ao rei D. Afonso I ia apagando-se da memória da gente lusa, apesar de esta continuar crente e temente a Deus e devota da SS. Trindade, além de grata a Santiago de Compostela.

A batalha de Ourique ganha com a ajuda espiritual de Cristo apenas começaria a ser recordada e recontada na primeira metade do século XIV, portanto, quase duzentos anos após ter sido travada. Naquela altura muitos cristãos ficaram abalados pela extinção da Ordem dos cavaleiros do Templo, mas, em Portugal, o astuto rei D. Dinis I, trineto de Afonso Henriques, fundador da dinastia de Borgonha, reagiu adequadamente, fundando, em 1319 a nova ordem monástico-guerreira nacional, a de Jesus Cristo, que em breve herdaria a maior parte dos castelos, fortalezas e cabedais antigamente detidos pelos templários.

É indispensável lembrarmo-nos aqui do ano de 1340 em que se travara a famosa batalha do rio Salado, em terras da Andaluzia, onde os monarcas castelhano e português (D. Afonso IV o Bravo) combateram lado a lado as hostes infiéis. Venceram, apesar de muitas baixas nas fileiras dos soldados da Cruz, graças a uma espécie de contaminação espiritual, operada pelo então jovem Prior do Crato, cavaleiro monge Frei D. Álvaro Gonçalves Pereira, filho do arcebispo de Braga, recém-eleito Mestre dos Hospitalários portugueses.

O Prior do Crato alçara as imagens de Cristo, da Mãe de Deus e dos santos mata-mouros (Santiago e São Jorge), aclamando-os reis espirituais e condestáveis dos

<sup>10</sup> Veja-se Cristina TORRÃO - *AHOH*, p. 117.





exércitos cristãos. Assim contagiados e empolgados pela fé e pelo furor guerreiro, os combatentes da Cruz conseguiriam desbaratar as hostes mouras.

Um pouco mais tarde, Ourique será lembrado e exaltado pelo já conscientizado D. João Mestre de Avis, futuro rei D. João I de Avis, bem como pelo seu condestável, D. Nuno Álvares Pereira, filho do herói do Salado, e futuro Santo Condestável Frei Nuno de Santa Maria.

Contudo, com o decorrer dos séculos, o próprio nome de Ourique começou a ser deformado e a sua localização passou a ser questionada, porque muitos deixaram de acreditar na possibilidade de D. Afonso Henriques ter conseguido entranhar-se tão profundamente na planície do Baixo Alentejo, tão longe da fronteira psicológica do Tejo que, durante muitos anos, funcionava na mente dos cristãos como a intransponível divisa entre os mundos cristão e muçulmano.

Assim, logo houve quem indicasse Almodôvar com a sua Torre de Ourique e a sua vargem (almargem) de Ourique, no vale de Ourique de Cima e de Baixo. O historiador militar novecentista José Lopes Alves indica-nos também as outras hipóteses: a de Campo de Ourique em Lisboa, a do Chão de Ourique em Penela, na Beira Interior, e a de um campo de Ourique, junto ao rio Mondego, perto de Montemor-o-Velho.

Em boa verdade, as antigas crónicas deformam o topónimo, conforme a cultura e a pronúncia regional dos escribas-copistas monásticos. Assim, temos AULIC, na crónica dos Godos, ORIC, na Cronica Lamecense, OURIC, ORIQUE, ÔRIQUE, AURICH e OULICH, no Cronicão Conimbricense e nas Crónicas Breves de Santa Cruz de Coimbra, além de AL-RIQÂ, nos relatos de Ibn Hayyan e de Al-Razi. O Mouro Razi menciona ORIQUE na sua descrição da *cora* /concelho/ de Beja, referindo-se a um lugar situado no percurso entre Beja, Aljustrel e Ossonoba.

No entanto, o reconhecimento de OURIQUE alentejano começara no reinado de D. Dinis I, por volta de 1319, quando a reafirmação da independência portuguesa perante as ambições de Castela se tinha tornado inadiável. A partir daquela altura o acontecimento histórico correspondente à batalha decisiva de Ourique passaria a ser embelezado, ampliado e carregado de espiritualidade, a fim de consolidar a ideia de um Portugal soberano e definitivamente separado de Castela e Leão.

Sabe-se que D. Dinis outorgara, em 1290, um foral a um antigo castro, hoje chamado de Castro Verde, em cujo termo se encontram S. Pedro das Cabeças e as fortificações de Ourique, entre os quais se teriam ferido as fases cruciais da batalha de Ourique.

Nos nossos dias, a Câmara Municipal de Castro Verde divulga uma documentação de cunho cultural em que figura « o Triângulo da Batalha », cujos vértices são a Igreja das Chagas do Salvador ou de Nossa Senhora dos Remédios, do século XVII,



a Igreja de Nossa Senhora da Conceição ou Basílica Real, erguida a mando de D. Sebastião I, que vivia empolgado pelo ideário cruzadista, e remodelada no século XVIII, e a Igreja de São Pedro das Cabeças, decorada pelo artista algarvio Diogo de Magina com azulejos que expressam a lenda do aparecimento de Cristo (Crucificado) e do ermitão anunciador. Aliás, o conhecido aforismo reza: «O que em S. Pedro foi batalhado, na Basílica Real está espelhado e na Senhora dos Remédios pintado.»<sup>11</sup>

De facto, as criações artísticas de Diogo de Magina representam as fases de peleja e de descanso da mítica luta: são retratados o garbo e a altivez dos vencedores dos cinco reis mouros. Quanto à Igreja de N. Senhora dos Remédios, esta teria sido construída no local da gruta-ermida em que vivia o ermitão, monge conhecido por Leovigildo Pires de Almeida.

Na opinião do historiador militar José Lopes Alves, no primeiro ou no segundo quartel da centúria de Trezentos, surgiram relatos, inspirados nas crónicas antigas, que passam a divulgar no seio da grei lusitana o milagroso aparecimento de Jesus Cristo Crucificado e envolto em nuvens a D. Afonso Henriques, antes da batalha de Ourique. Ao mesmo tempo, ter-se-ia repercutido nos ares o som de uma voz a anunciar-lhe que, com a ajuda de Deus, iria sair vitorioso do embate. Lopes Alves afirma que

os fenómenos imaginados ou simplesmente proclamados, sem qualquer base credível, são susceptíveis de influenciar a mente do imaginário individual e colectivo das massas de combatentes, levando-os a «ver» ou a «jurar que viram» ou que aceitam como verdade a afirmação de «quem jura que viu», e a conduzir-se então por extremos de empenhamento físico, moral e psicológico com todos os seus atributos. Não resta, porém, dúvida que é entre os combatentes culturalmente mais atrasados, seja qual for a sua estirpe social, que tais atitudes mais se verificam, confundindo-se na maior parte dos casos a superstição com essa manifestação<sup>12</sup>.

Contudo, é certo que o «milagre» de Ourique exaltou as qualidades dos combatentes cristãos, tornando-os mais audazes, mais astutos, mais valentes e capazes de se adaptarem melhor à evolução da situação no campo de batalha. Nas fileiras cristãs reforçou-se o companheirismo de armas, a obediência aos chefes, ficando aceite a ideia do sacrifício até ao extremo da vida.

Todavia, na *Vida de S. Teotónio*, o venerado Abade de Santa Cruz de Coimbra, um dos maiores letrados do século XII e amigo pessoal do primeiro monarca português, considera-se que o patrono da hoste cristã, na altura da batalha de Ourique, foi Sant'Iago. Frisa-se também que foi o Mata-Mouros de Compostela que apareceu ao Príncipe portugalense. Segundo esta mesma fonte, Cristo só teria aparecido e falado ao ermitão Leovigildo, o qual depois correu à tenda de Afonso Henriques para lhe anunciar a certeza da vitória do príncipe cristão sobre os infiéis.

<sup>11</sup> In ALVES, José Lopes - *A Batalha de Ourique - 25 de Julho de 1139*. Lisboa: Europress, 2008, Capítulo I.2, p.50, Colecção Heuris.

<sup>12</sup> In José Lopes ALVES - *ABDO*, p. 82.



Fosse como fosse, o orago Sant'Iago ou Nosso Senhor em pessoa, aparecendo ao piedoso eremita devia ter contribuído a levantar o ânimo dos soldados da Cruz, assustados perante a superioridade numérica daquela coalizão dos exércitos inimigos.

Por outro lado, o «milagre» de Ourique certamente ajudara a pleitear junto do papado a causa do jovem conquistador mata-mouros portugalense que aspirava à realeza e à independência para se ver livre da suserania do seu primo Imperador de Hespanhas, Alfonso VII Raimundez.

Com efeito, após o histórico recontro de 25 de Julho de 1139, o prestígio do chefe militar português aumentara, o seu nome estava sendo mencionado nas cortes de toda a Cristandade latina, inclusive na cúria romana. Assim, a Santa Sé reparara em D. Afonso Henriques e apoiara o consórcio do rei de Portugal com a franzina princesinha Matilde ou Mafalda, filha adolescente do duque de Sabóia.

Na centúria de Trezentos, a recordação do milagre de Ourique inspirou e deu confiança nas suas capacidades militares às hostes portuguesas e castelhanas, primeiro na batalha do Salado e, depois, em 14 de Agosto de 1385, contaminaria com um novo vigor e uma fé avivada, os valentes *chamorros* do Condestável D. Nun'Ávares Pereira, no campo de Aljubarrota.

A nível da política interna portuguesa, o milagre de Ourique teria içado do filho do falecido Conde D. Henrique de Borgonha acima de todas as linhagens asturo-portugalenses do Norte. Estas ficariam convencidas de ter feito uma boa escolha, quando tinham apostado no conde borgonhês e no seu descendente varão, apoiando este último, ainda muito novo, contra a mãe, D. Tareja e contra os Trava da Galiza.

Ourique foi um sinal de distinção de Afonso Henriques entre o comum dos mortais da faixa ocidental da Ibéria, uma prova ou um sintoma da eleição divina que recaía no novo monarca conquistador, marcando também o início da sacralização do jovem reino de Portugal, acabado de proclamar.

Por fim, a vitória cristã e afonsina, apadrinhada pelo Redentor e por Santiago, no prélio de Ourique, havia de servir de esteio moral a várias futuras acções militares dos portugueses, como, por exemplo, a tomada de Santarém aos mouros, o prolongado cerco e a conquista cristã definitiva de Lisboa, o cerco posto por três vezes à fortaleza de Alcácer do Sal e a vitória final dos cristãos, as tomadas de Évora e de Beja, e mesmo, muitos anos mais tarde, em meados da centúria de Duzentos, aquando da tomada de Silves.

A explicação dessa influência moral e espiritual da vitória de D. Afonso Henriques em Ourique sobre as gerações vindouras de guerreiros da Cruz seria o nascimento ulterior do mito de Ourique, mito da invulnerabilidade dos combatentes cristãos



portugueses nas lutas decisivas contra o Islão. A esse propósito, particularmente elucidativa quer nos parecer a afirmação do professor Carlos Maurício :

Os mitos fundacionais não se limitam apenas a explicar as origens, a passagem do incriado ao criado. Eles são também tentativas para perpetrar o que se criou. Ora, só o sagrado é originante, só ele faz durar o que se criou. A aparição de Cristo a Afonso Henriques, em Ourique, vinha rematar superiormente o mito de fundação de Portugal<sup>13</sup>.

Para rematar, repare-se em que, na altura da batalha de Ourique, tanto os cristãos asturo-portugalenses laicos quanto os cavaleiros monges do Templo invocavam sobretudo Jesus Cristo, a SS. Trindade e a Virgem Mãe de Deus, cujo culto era muito propagado pelos templários. Ao mesmo tempo, a divindade em pessoa trina e à Santa Maria se associava Sant'Iago Maior, o Mata-Mouros de Compostela, que já se dizia ele ter aparecido em outras batalhas e refregas aos chefes cristãos do Ocidente a braços com os infiéis sarracenos. Daí começou a tecer-se um vínculo entre o poder militar e político, e o sagrado, que iria fortalecer-se nos séculos seguintes. O milagre de Ourique serviria de fundamento à explicação da nacionalidade portuguesa multissecular e justificaria a Restauração da Independência, em 1640.

No final da Idade Média, em 1419, o cronista Fernão Lopes, na sua *Crónica dos sete Reis de Portugal*, refere-se à batalha de Ourique. Quase um século mais tarde, em 1505, Duarte Galvão escreve a *Crónica d'El-Rei D.Afonso Henriques*, baseando-se nos dados de Fernão Lopes para explicar a origem do reino de Portugal e legitimar o monarca Fundador. Por seu lado, ainda em meados da centúria de Quatrocentos (1451) a *Segunda Crónica Breve de Santa Cruz de Coimbra* realçou a relação entre a aparição de Cristo e a monarquia lusitana vocacionada para levar a humanidade a aceitar o futuro império do Espírito Santo.

A esse propósito, ainda convém mencionar que, mais tarde, D. Afonso I de Portugal, cuja realeza acabará por ser reconhecida e confirmada pelo papado, tornar-se-á, além do soberano luso por vontade divina, igualmente no cristianíssimo *Cavaleiro de São Pedro*, entenda-se: vassalo da Santa Sé e do Sumo Pontífice, susceptível de escudar a independência do reino de Portugal contra as pretensões da vizinha Castela.

No entanto, na terra, um dos principais esteios da jovem monarquia portuguesa e dos seus sucessivos soberanos em luta contra os muçulmanos pela reconquista definitiva da totalidade do território lusitano, continuavam a ser as ordens religiosas militares, com particular destaque para a milícia templária.

E sempre com a ajuda dos templários, habilmente transformados pelo Rei Trovador em cavaleiros da Ordem de Jesus Cristo, os sucessores de D. Afonso Henriques haviam de levar a nação portuguesa a todos os destinos do mundo.

<sup>13</sup> *Apud* José LOPES ALVES - *A Batalha de Ourique*, p. 87.



A milagrosa vitória de Ourique, protagonizada por D. Afonso Henriques, protegido por Jesus Cristo, iluminado pelo Espírito Santo e guiado por Sant'Iago Maior mereceu uma versão mais elaborada e extensa na «Crónica de Cister», documento que de repente surgira, em 1495, um ano depois da ratificação do Tratado de Tordesilhas, na Igreja de Jesus Cristo em Setúbal, e nas vésperas da largada da expedição de Vasco da Gama, rumo à Índia.